

Título: Santo Daime – uma batalha no mundo invisível

Marília Calegari
Universidade Estadual de Campinas
calegari@nepo.unicamp.br

Resumo

O presente artigo apresenta uma discussão acerca da manifestação religiosa do Santo Daime. A pesquisa promove uma passagem pela antropologia da religião para tentar compreender o uso de substâncias alucinógenas de forma sagrada e religiosa. Para esta discussão a doutrina daimista será estudada, a partir de sua história, seus ensinamentos e de como ela se propõe a promover o progresso espiritual dos seus participantes. O Santo Daime nasceu na Floresta Amazônica podendo, assim, promover uma reflexão a respeito da identidade nacional. Um estudo sobre símbolo, ritual, valores e representações do universo daimista é apresentado, analisado e discutido.

Palavras-chaves: Santo Daime, substâncias alucinógenas, antropologia da religião, ritual

Abstract

This paper presents a discussion about the religious manifestation of Santo Daime. The research promotes passage through the anthropology of religion to try to understand the use of hallucinogens in a sacred and religious. For this discussion the Daime doctrine will be studied, from its history, its teachings and how it intends to promote the spiritual development of its participants. The Santo Daime was born in the Amazon rainforest may thus promote a reflection on national identity. A study of symbol, ritual, values and representations of the Daime's universe is presented, analyzed and discussed.

Keywords: Santo Daime, hallucinogens, anthropology of religion, ritual

O início da aventura

Pindamonhangaba, SP – 26 de Outubro de 2008

Acordei sem fome. Acho que a única coisa que meu corpo consegue sentir é nervosismo. Um nervosismo incomparável, um medo desesperador seguido de uma calma até então desconhecida. Tudo o que eu consigo comer é uma fruta. Saio da casa da minha mãe às 9h15, o sol é forte. Fico esperando o ônibus para a rodoviária local. Não sei dizer se é o ônibus que está demorando ou se é a minha ansiedade que faz com que o tempo passe mais devagar.

Chego às 9h35 no centro da cidade e encontro o ponto de ônibus para Ribeirão Grande (bairro onde a igreja do Daime se encontra). A espera agora parece rápida, deve ser a idéia de estar cada vez mais perto. O ponto de ônibus está repleto de pessoas que, aparentemente, vão aproveitar o domingo nos rios e cachoeiras da zona rural da cidade. Fico me perguntando se alguém ali tem o mesmo local de destino que eu.

Minha lapiseira quebra, não sei mais se fui eu ou se já estava quebrada. Então fico pensando no pouco que eu sei sobre a Doutrina, mas procuro tranquilizar-me lembrando os muitos textos que li a respeito. Lembro-me das recomendações que segui à risca desde quinta-feira: os três dias anteriores sem sexo, álcool e carne. Quanto à vestimenta, pede-se que não use preto ou vermelho e que as mulheres não coloquem calça comprida.

Entro em mais uma condução alternativa às 9h55. Parece que domingo é realmente difícil passar ônibus por aqui. O motorista avisa que às 18h ele retorna para o centro da cidade caso alguém queira voltar nesse horário. A condução finalmente sai e sinto um frio na barriga. Fico ali admirando a paisagem e pensando no que está por vir. Desço da van às 10h45 no ponto final e caminho um pouco com mais duas mulheres, então consigo uma carona até a fazenda Nova Gokula dos Hare Krishina. Sigo andando debaixo de um sol absurdamente forte por cerca de 40 minutos até que finalmente chego à igreja Céu do Vale. Sinto calor e sede, mas agora estou relativamente tranqüila.

Apresentação

O presente artigo foi inicialmente escrito como trabalho de conclusão da disciplina Mito e Ritual, que cursei no 2º semestre de 2008, durante o segundo ano de graduação em Ciências Sociais na Universidade Estadual de Campinas. O texto original foi escrito em apenas um semestre, mas foi de grande importância para mim enquanto futura antropóloga e também enquanto pessoa. Assim sendo, resolvi me dedicar à revisão do texto e a produção de um artigo a respeito.

Durante esse trajeto de estudo sobre o Santo Daime algumas pessoas foram de extrema ajuda e tornaram-se inesquecíveis. O antropólogo Walter Dias, dirigente da Igreja Céu do Vale – onde realizei o trabalho de campo -, me auxiliou em todos os momentos. Obtive sua ajuda com a escolha da bibliografia, orientação sobre caminhos a percorrer, indicações e discussões sobre textos. Além de ter depositado sua confiança em mim ao me apresentar o Santo Daime, ter aberto as portas da igreja a qual ele dirige e ter me apoiado durante o hinário.

Outra pessoa que me ajudou muito durante o ritual foi a Ana, esposa de Walter e também dirigente da igreja Céu do Vale. Ela me deu muita força nos momentos mais difíceis do hinário, me ensinou muito sobre mim mesma e como olhar o mundo de uma forma diferenciada. Também recordo com carinho dos fiscais que tanto me ensinaram mesmo quando procuravam apenas manter a disciplina do grupo, e dos outros participantes do ritual que dividiram um momento tão marcante quanto esse da minha experiência com o Daime.

Sou muito grata também à professora Suely Koffes que ao lecionar a disciplina Mito e Ritual e ao sugerir uma pesquisa antropológica me permitiu escolher estudar o Santo Daime e entrar em contato com esse universo. Finalmente, agradeço a todos que diretamente ou indiretamente estiveram ligados a essa pesquisa, desde os mais próximos até os desconhecidos, afinal se não fosse cada uma dessas pessoas eu não teria conseguido êxito neste trabalho.

Busca espiritual e existencial por meio da experiência alucinógena

O Santo Daime é uma manifestação religiosa de origem brasileira e relativamente recente, tendo surgido no começo do século XX na região amazônica. Há uma grande discussão inclusive

preconceituosa acerca desse, pois a doutrina utiliza uma bebida enteógena de forma sacramental para entrar em contato com o astral e buscar o desenvolvimento espiritual do indivíduo e do grupo. Os rituais daimistas são caracterizados por uma forte presença musical, busca pelo autoconhecimento e cura espiritual.

O tema é de grande relevância visto que a gênese dessa doutrina é nacional, e na modernidade o Brasil tende a assimilar cada vez mais marcas estrangeiras na sua cultura. Assim, a discussão sobre a doutrina pode levar a busca por uma das identidades religiosas brasileiras. A escolha por essa questão também está relacionada a uma afeição pessoal por antropologia da religião, cosmovisão, símbolos e valores. O estudo sobre o Santo Daime proporciona um grande trabalho de campo antropológico, uma aventura que motiva o estudo científico. Ainda, proporciona uma análise das práticas rituais e das representações sociais, passando pela reflexão das formas simbólicas relacionadas ao uso de substâncias sagradas.

A utilização das “plantas de poder” causa enorme polêmica devido ao crescimento do uso de drogas psicoativas nas últimas décadas, logo, o debate sobre a planta alucinógena ayahuasca no Santo Daime passa por um questionamento que não deve ser preconceituoso, mas sim que deve compreender o contexto cultural no qual a bebida está incluída. As substâncias sagradas possuem efeito cultural, divinatório, terapêutico, revelatório e ritualístico.

Levando em consideração tais questões, o presente artigo procura uma busca pela compreensão do significado da bebida enteógena do Santo Daime e como essa forma de consciência alterada leva ao progresso espiritual. Para tal, o trabalho de campo foi realizado na Igreja Céu do Vale (Centro Eclético da Fluente Luz Universal Padrinho Eduardo Sales de Freitas – CEFLUPE) na cidade de Pindamonhangaba, São Paulo. Essa Igreja é filiada do CEFLURIS (Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra) e iniciou seus trabalhos em 1996.

Apesar da relevância do tema, o Santo Daime ainda é um movimento religioso pouco estudado pelos cientistas sociais e pouco conhecido pela maioria dos brasileiros. Considerando a história do Brasil, a atual discussão sobre a cultura indígena e identidade nacional, é uma manifestação religiosa que deveria ganhar maior atenção dos estudiosos. O berço da doutrina daimista é a Floresta Amazônica, a espiritualidade, o entendimento da existência humana.

Conhecendo a Doutrina

A manifestação religiosa do Santo Daime surgiu por volta de 1930 quando o Mestre Irineu começou a realizar publicamente seus trabalhos. A doutrina foi fundada em Rio Branco, capital do Acre. Raimundo Irineu Serra nasceu em 1892 no Maranhão e aos 20 anos de idade foi para o Acre trabalhar como seringueiro. Irineu conheceu a *ayahuasca* com índios peruanos, e entrou em contato com práticas xamânicas. Durante muito tempo ele ficou estudando a utilização da planta alucinógena e a formação da bebida do Santo Daime.

Segundo Luís Mendes:

“O Mestre recebeu essa doutrina das próprias mãos da Virgem. Ela que entregou para ele essa missão. A Deusa Universal! Foi como ela se apresentou. Ele foi escolhido por ela (...) E ela disse: ‘o que você está vendo nunca ninguém antes viu.’ O mestre foi o primeiro (...) Muita gente já tomava essa bebida. Mas, não viam. O Mestre viu. Viu e trouxe a luz pra todos nós. A luz verdadeira! (...) A bebida era antiga, mas ainda não era doutrinada. A doutrina quem trouxe foi o Mestre (...) Por isso, nós aqui chamamos o chá de Daime. Antes era *ayahuasca*. Mas esse era o nome primitivo, ainda sem a doutrina. O nome doutrinado é Daime.” (Goulart, 1996:57)

O nome da bebida, Daime, foi revelado ao Mestre Irineu por Nossa Senhora da Conceição, que é considerada a Rainha da Floresta. O verbo *dar* foi o que originou tal nome, visto que quando os seguidores tomam a bebida eles pedem aquilo que necessitam, como luz, força, amor, entre outros. Império Juramidam é o nome do universo espiritual do qual o Mestre foi nomeado chefe pela Rainha da Floresta, significando o nome Juramidam, *filho de Deus*.

O culto ao Santo Daime teve início na vila Ivonete, com a difusão dos valores da doutrina e dos hinos. Finalmente, em 1971, o Mestre Irineu Serra morreu e ocorreram grandes mudanças e cisões dentro da doutrina. Durante essa crise o Padrinho Sebastião, companheiro do Mestre, rompeu com Leôncio e seguiu uma vertente diferente de doutrina. Então, em 1974, o Padrinho Sebastião organizou o Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra (CEFLURIS).

O Santo Daime é uma manifestação religiosa composta por elementos de diversas outras doutrinas e religiões. É famoso o caráter eclético espiritual dessa doutrina, que caminha desde o

xamanismo original passando pelo cristianismo, pela umbanda, pelo kardecismo, pelo candomblé, pelo hinduísmo e pelo budismo.

“Doutrina, do ponto de vista nativo, é a palavra utilizada para definir dois aspectos da cultura grupal. Por um lado, é a forma de definir o pertencimento, ou seja, a delimitação da identidade social daqueles que estão ligados ao grupo, e, por outro lado, “Doutrina” é o conjunto de significados que define as motivações grupais no sentido das escolhas a cerca do uso do Daime como instrumento de “busca” de outras dimensões da existência humana. Este caráter da “Doutrina” exemplifica seu papel fundamental na construção da identidade grupal.” (Groisman, 1991:23)

O Santo Daime é uma doutrina que busca harmonia, paz, amor, justiça e verdade. Por meio da experiência alucinógena os rituais trabalham com o corpo e com pensamento do participante através do imaginário. Os rituais têm uma grande energia espiritual, por isso exige muito trabalho, disciplina, estudo, humildade, aceitação. A doutrina propõe o desenvolvimento espiritual por meio do uso da substância sagrada que provoca representações simbólicas como revelações para o progresso do indivíduo e do grupo. Além do caráter revelatório, há também o terapêutico, visto que os daimistas acreditam na cura por meio desse trabalho. A presença musical em forma de hinos é muito marcante e a busca pelo autoconhecimento e elevação espiritual é um dos grandes objetivos dos rituais daimistas.

Hino: Seis horas da manhã

Seis horas da manhã

Eu devo cantar

Para receber

A meu Pai Divinal

O pino do meio-dia

A luz do resplendor

Eu devo cantar

A meu Pai Criador

Seis horas da tarde

O sol vai se pôr

Eu devo cantar
A meu Pai Salvador
A terra é quem gira
Para mostrar
Toda criação
A meu Pai Divinal

(Mestre Irineu)

Mito e Ritual: o mito de origem

Para tentar compreender a origem da Doutrina e o significado dos rituais é preciso conhecer também os mitos. Afinal, “conhecer os mitos é aprender o segredo da origem das coisas (...) aprende-se não somente como as coisas vieram à existência, mas também onde encontrá-las e como fazer com que reapareçam quando desaparecem.” (Eliade, 1986:18) Para representar a origem da humanidade será descrito um mito contado pelos índios Tucano do nordeste da Amazônia:

“Tudo começou na primavera, ao meio dia, quando os raios do Sol, princípio masculino fertilizado marcou os pontos sagrados e fertilizou a Terra. Por este raio desceram gotas de sêmen e surgiram os primeiros homens, que embarcaram numa grande anaconda (serpente) que lhes servia de canoa. A grande canoa-anaconda simboliza a dispersão da humanidade ao longo dos rios. No trajeto dessa longa viagem, a divindade que guiava a canoa ia criando os elementos culturais e estabelecendo seu código moral e social.” (Froes, 1986:171)

E foi justamente em um determinado ponto do rio que, segundo os Tucanos, surgiu a Mulher-Yagé a qual foi fertilizada pelo olho dando a luz futuramente ao Menino-Yagé. Essa criança era a responsável por manter em segredo o uso da planta alucinógena e por ser o único possuidor do ato sexual, do sêmen e do yagé. Assim, quando durante o ritual os índios tomam a bebida feita do cipó eles desfrutam uma experiência como de voltar para o útero, para o início do universo e da sua tribo.

Essa viagem astral mostra a eles a criação dos animais e dos homens, a ordem social, o âmbito religioso, o sobrenatural. A partir do contato com os espíritos da floresta, os índios

conhecem também o bem e o mal, a vida e a morte, o mundo real e o mágico. Sendo comum a presença de animais como cobras e jaguares nas visões, que representam as doenças e as energias espirituais negativas.

Os índios Tucano contam o mito da origem do cipó utilizado na bebida do Daime da seguinte maneira:

“...apareceu uma mulher chamada Ghapí Mahsó, a mulher Yagé. Enquanto os homens estavam no interior da casa bebendo chicha, fora a mulher deu à luz e a criatura nascida era o cipó Yagé. A mulher levou a criança para o interior da casa, o que causou grande consternação entre os homens. A criança tinha forma humana. Mas, diz o mito: '...a criança tinha forma de luz, era humana, porém era luz, era Yagé.' Ao ver a criança, os homens ficaram como que intoxicados, porque '... a mulher os afogou com visões.' A mulher perguntou: - 'Quem é o pai desta criança?' Um homem que estava sentado a um canto e de cuja boca gotejava saliva, arrancou o braço direito da criança e disse: 'Sou eu'. Os outros fizeram o mesmo; agarraram a criança, despedaçaram-na e dispersaram seus membros. 'Agarraram o cordão umbilical', diz o mito, e assim `nossos progenitores obtiveram o Yagé'.” (Dias, 1992:87-88)

Esse mito mostra o incesto que ocorre entre o Pai Sol e a sua filha Lua. Por conseguinte, quando durante um ritual toma-se ayahuasca, coloca-se em prática o mito incestuoso da origem do cipó. A preparação do chá do Daime é, dessa forma, uma atualização do mito de origem e a sua utilização é a rememoração deste mesmo mito. É possível também, relacionar mito e ritual no que diz respeito à viagem astral, visto que no ritual o homem entra em contato com o seu subconsciente, o mesmo ocorre no mito quando o homem come de sua própria carne buscando o autoconhecimento.

Mito e Ritual: o ritual de iniciação

O ritual para iniciantes no Santo Daime ocorre geralmente no último domingo de cada mês. O trabalho é de Concentração e é realizado com farda azul. A Concentração é uma das cerimônias do calendário oficial da doutrina e acontece no meio e ao final de cada mês. Os filiados possuem dois tipos de fardamento, azul e branco, que são utilizados de acordo com o ritual em questão. A farda branca é utilizada em apenas alguns festejos especiais, como

aniversário do Padrinho da doutrina, dias comemorativos de alguns santos, aniversário do Mestre Irineu, nascimento de Jesus Cristo, entre outros.

A farda azul é mais comumente utilizada, sendo composta a vestimenta masculina por calça, gravata e sapato azul marinho, meia e camisa branca de manga longa. O hinário para tal cerimônia de iniciação é realizado com oração e cruzeirinho¹. Tais hinos são cantados durante o efeito da bebida e são recebidos pelos iniciantes como mensagens compostas por lições e ensinamentos. Por meio desses hinos, as pessoas navegam no seu inconsciente e são orientadas ao longo de sua viagem astral.

Algumas recomendações devem ser seguidas por todos, incluindo os iniciantes, para a participação nos trabalhos. É necessária uma preparação antes do trabalho, para que a pessoa purifique o seu corpo para, então, receber a mensagem divina pela bebida sacramental. Para tal, é necessário que três dias antes e três dias depois do trabalho haja jejum sexual, bebida alcoólica e carne vermelha não devem ser ingeridas, priorizando uma alimentação saudável. O iniciante deve chegar cerca de meia-hora antes do início do ritual. Então, ele vai até a secretaria assinar o caderno de participação e pagar uma colaboração.

O ponto máximo da fé daimista está nesses trabalhos, sendo assim, é necessário que todas as recomendações sejam seguidas e respeitadas. Além disso, o iniciante deve ter uma conduta ética de acordo com as virtudes daimistas durante o ritual, respeitando a si mesmo e aos outros participantes. Quanto à vestimenta também é preciso ter atenção, é proibido o uso de roupas vermelhas ou pretas durante o trabalho. Pede-se que utilize roupas leves e de cor clara. As mulheres não podem usar calça comprida, devem vestir saias longas e blusas discretas, sem decotes e sem transparência.

“Para ser um iniciado era preciso ser convidado por um de seus membros (que se transformava em uma espécie de responsável pelo iniciante), permanecendo nessa situação até se encontrar suficientemente esclarecido para optar por pertencer ao culto e, posteriormente, à própria comunidade. Contudo, somente eram aceitos aqueles que durante este período demonstrassem que eram dignos e merecedores da confiança divina e de seus pares. Nesse sentido, a conduta de cada um era submetida, permanentemente, a um controle quase absoluto, havendo um mínimo de privacidade e intimidade. A adesão só era completa se a doutrina fosse, de fato, aceita plenamente.” (Dias, 1992:14)

¹ Cruzeirinho: é o caderno de hinários do Mestre Irineu.

A iniciação xamânica é caracterizada pelo fato do próprio iniciante ter que ser responsável pela sua viagem astral, na qual todas as imagens que ele vê é fruto de sua consciência. O processo é bem complexo e, às vezes, lidar com as imagens gera muito sofrimento, e a única pessoa capaz de salvar o ‘viajante’ é ele mesmo. A coragem e a verdadeira vontade são requisitos indispensáveis. O iniciante tem que estar preparado para cumprir seu objetivo e enfrentar com sabedoria as provas que irá encontrar durante o percurso. Durante a *miração*², o iniciante tem uma voz guia que o orienta, acalma, dirige, conforta. Em certos momentos da viagem, é necessário que o Eu tome decisões durante esse processo espiritual evolutivo.

As provas que surgem em forma de visão são chamadas Revelação. Por meio delas, o iniciante deve enfrentar com vontade e força o que lhe foi apresentado, enfrentar o mal e aprender a lidar com ele. A experiência alucinógena pode ter um desfecho negativo caso a pessoa não consiga reagir bem frente a tudo o que lhe foi apresentado, todavia os participantes do ritual compreendem que isso é possível de acontecer. Acreditam que quando o iniciante é colocado frente a visões horríveis ele não deve deixar-se desestabilizar, mas sim enfrentá-las com justiça e verdade.

Por mais que o caminho possa ser assustador, a pessoa deve tentar decifrá-lo para compreender o que se passa em seu interior, podendo, dessa forma, aprender o que lhe foi revelado. É preciso lutar e aceitar a transformação imposta pela *miração*. O Santo Daime sustenta a idéia de que para alcançar a elevação espiritual é necessário ser verdadeiro durante a sua busca. Durante o estado alterado de consciência a pessoa deve ter segurança para ver a verdade e descobrir como ser ela mesma independente dos papéis sociais e dos condicionamentos que a ela são impostos. Finalmente, alcançando com força e amor o objetivo daimista de conhecer a si mesmo e obter progresso espiritual.

O debate sobre o uso ritual das substâncias alucinógenas

A discussão a respeito do uso de bebidas enteógenas em rituais religiosos é antiga. Tais substâncias geram uma alteração no estado de consciência do indivíduo e promovem uma nova

² Miração: “Miração é um estado de transe desencadeado pelo Daime, onde a pessoa pode ter visões com intensidade de cor, vidências, estabelecer contatos telepáticos com pessoas distantes, permitindo uma relação mais sensorial com o ambiente. Para um iniciante é antes de tudo, uma viagem ao seu interior, ao inconsciente.” (FROES 1986:35-36)

forma de percepção sobre o mundo. Devido à transformação dessa consciência, a maioria das pessoas julga que o uso de alucinógenos é errado, pois a sobrevivência humana depende da percepção natural que temos sobre o mundo real.

Michael Harner afirma que o cérebro humano possui naturalmente algumas substâncias alucinógenas, por isso elas devem ter alguma vantagem. “Ao que parece, a própria Natureza resolveu que um estado alterado de consciência é, às vezes, superior ao estado comum.” (Harner, 1995:18) Dessa forma, o autor nega que exista um determinado estado de consciência que seja melhor do que outro em todos os momentos. Para o autor, o uso de alucinógenos não é a única forma de se alcançar um estado alterado de consciência, de forma análoga o é a música e a dança durante os rituais xamânicos. As substâncias sagradas têm importância por promover a metamorfose dos indivíduos, visões, revelações, viagens telepáticas, entre outros. Não se deve julgar, pois, a utilização dessas, mas sim procurar compreender o seu papel.

Outro autor que compartilha uma visão parecida é Sangirard, que trata das plantas alucinógenas sem preconceitos, não as caracterizando como drogas ilícitas, mas como objeto de culturas. Seu livro, *O índio e as plantas alucinógenas*, inicia-se com um capítulo nomeado “Algumas reflexões sobre drogas”, no qual ele afirma que o significado da palavra “droga” depende do contexto em que é utilizada. “A Organização Mundial da Saúde definiu: ‘Dependência de droga é uso habitual e compulsivo de qualquer droga narcótica, de maneira que ameace a segurança e o bem-estar do próprio dependente ou de terceiros’.” (Sangirardi, 1989:11)

Em cada capítulo o autor conta a história das plantas e dos povos, as características morfológicas e os efeitos alucinógenos. Explica a utilização da droga, seu significado, o ritual no qual está inserida e apresenta alguns depoimentos de experiências ao ingerir a planta. Há uma explicação biológica das características da planta, sua composição, as substâncias, os diferentes nomes dados à mesma planta e a diferença entre espécies de um mesmo grupo. O autor apresenta conceitos e experiências de vários cientistas e botânicos, descreve a colheita e o modo de usar a planta. Apresenta a geografia, o habitat, o cultivo da planta, modo de preparar e utilização. Há o efeito cultural, o terapêutico, o ritual, o espiritual, o de cura, o de identidade. Assim, Sangirardi trabalha com o trinômio “droga + paciente + meio” para criticar o preconceito e a repressão às substâncias sagradas.

Livro que também apresenta essa discussão é *O uso ritual das plantas de poder* (Labate e Goulart, 2005). Nessa coletânea há diversos artigos a respeito das drogas e do uso de substâncias

alucinógenas, de um ponto de vista antropológico, histórico e etnográfico. A utilização de tais bebidas está relacionada com rituais, identidades sociais, universos cosmológicos, entre outros. Os autores analisam as diferentes maneiras do uso dos alucinógenos, tanto no âmbito sagrado quanto no profano. Observam os usos tradicionais e os modernos, além da produção natural e artificial das drogas em questão. Logo, é preciso levar em consideração o contexto em que tais substâncias são utilizadas e considerar que para determinadas culturas essas plantas de poder têm caráter religioso, de aprendizado e busca espiritual.

Uma batalha no mundo invisível

Logo que chego à Céu do Vale encontro o Walter, que me orienta a entrar na igreja pelo lado esquerdo. Noto que no teto há uma bandeira do Brasil feita por bandeirinhas como as de festa junina. Uma garota vem me receber e me pede para colocar uma blusa mais fechada e guardar a bolsa em um quartinho do lado de fora. Saio pela porta esquerda do fundo da igreja e vou ao banheiro feminino me trocar. Ao lado do banheiro tem um quarto onde as mulheres se trocam e guardam seus pertences. Deixo a minha bolsa lá e volto para dentro da igreja. Dessa vez comecei a reparar mais nos detalhes.

No centro da igreja tem uma mesa de madeira redonda e no meio dela uma pilastra grande sobe até o teto. Há uma cruz de madeira com duas linhas horizontais e sobre ela uma lua e estrela de Davi. Há pendurada na parede uma imagem de Nossa Senhora da Conceição. Sobre a mesa havia porta-retratos com fotos de pessoas importantes para a doutrina, velas, vasos com flores brancas e roxas. Em volta dessa mesa, cadeiras formavam um hexágono com três fileiras de cadeira cada lado. O lado direito da igreja pertence aos homens e o esquerdo às mulheres, sendo que um não pode passar para o lado pertencente ao outro sexo.

Foi-me explicado que o primeiro lado feminino do hexágono é geralmente ocupado pelas mulheres mais velhas, o próximo pelas mulheres adultas e casadas, e o último lado por mulheres jovens e solteiras. O lado masculino se organiza da mesma forma só que as alas são opostas às femininas. Em volta das cadeiras algumas pilastras de madeira sustentam a igreja, cada uma delas com um santo e um arranjo de flores.

No teto alguns pássaros beija-flor feitos de pinha estão pendurados. Tanto do lado feminino quanto masculino há uma lareira. Por toda a igreja havia janelas e encostadas nelas uma jarra de água com um copo ao lado. No fundo da igreja vê-se uma bancada comprida, também de madeira, com arranjos de flores, onde o chá do Santo Daime mais tarde seria servido. Na parede atrás dessa bancada do lado esquerdo há uma foto do Mestre Irineu e do lado direito uma foto do Padrinho Sebastião.

Enquanto eu aguardava fiquei brincando com a Tarumin, uma menina de 1 ano, neta do Walter e da Ana. Ela estava usando um vestido branco e uma tiara de flores, estava linda. Foram chegando alguns daimistas fardados. As mulheres vestiam saia de prega longa e azul marinho, camisa branca com CRF e o símbolo deles bordados em azul no bolso, uma gravata borboleta azul marinho e tênis branco. Os homens, por sua vez, vestiam a mesma camisa, mas com calça azul marinho e sem gravata. Todos impecavelmente uniformizados, como verdadeiros alunos de Juramidam.

Músicos chegaram e sentaram em volta da mesa central, homens do lado direito e mulheres do lado esquerdo, sempre. Abriram o trabalho cantando uma oração. O Walter tocou um sino do lado de fora para avisar aos participantes que o hinário estava prestes a começar. Como era o último domingo do mês o trabalho era para iniciantes, então a Ana veio nos explicar um pouco sobre o Daime.

Junto comigo havia mais quatro garotas e dois rapazes, sendo que, cinco de nós estavam indo pela primeira vez. A Ana explicou a origem do Daime no Acre com o Mestre Irineu, citou algumas vertentes da doutrina depois que o Mestre faleceu e disse que ali na Igreja Céu do Vale eles seguiam a vertente do Padrinho Sebastião. Ela nos falou sobre a composição da bebida, sobre outros grupos religiosos que utilizam plantas alucinógenas, sobre como o Daime espalhou-se pelo Brasil e mundo, sobre como as igrejas daimistas relacionam-se e visitam-se. Ela citou as aproximações entre o Daime, o cristianismo, a umbanda, o espiritismo, e outros.

A igreja Céu do Vale existe há dez anos e é filiada do CEFLURIS, que é uma ONG que os suporta. Aos iniciantes e visitantes pede-se uma contribuição de vinte e cinco reais, não é obrigatório, mas uma proposta de ajuda. A Ana explicou que os primeiros dez reais são para a mata, pois para cada árvore utilizada eles têm que plantar outras oito para reflorestamento. Os próximos cinco reais são para a igreja, outros cinco para a infra-estrutura do trabalho, e os

últimos cinco reais eles têm que enviar para a sede por cada iniciante independente de terem ou não contribuído financeiramente.

Exemplos de como poderia ser a primeira vez que toma o Daime foram dados pela Ana, pode ser fraco ou forte, pode mirar ou não, pode ser bom ou ruim, a pessoa pode ficar tonta, é possível cair no chão caso o espírito se separe muito rápido do corpo, e várias outras possibilidades. Ela disse que no trabalho daquele dia o chá seria tomado quatro vezes, e que é natural sentir o corpo de maneira atípica. Também constatou que cada pessoa vai ao Daime por um motivo e que quando toma o chá deve-se pedir o que foi buscar: “Dai-me...”. Ela recomendou que não julgássemos a reação dos outros sob o efeito da bebida sagrada e que não nos preocupássemos se alguém passasse mal, pois havia fiscais ali para ajudar.

Depois de algumas recomendações, explicações, esclarecimentos e orientações, o trabalho finalmente começou. Formaram-se duas filas na bancada no fundo da igreja, como sempre a direita masculina e a esquerda feminina. As doses eram servidas alternadamente entre os sexos. A fila era organizada por ordem crescente de idade e de altura. Eu estava mais ou menos no meio da fila feminina. Quando chegou a minha vez recebi uma taça com um líquido marrom escuro e vi de perto o famoso chá do Santo Daime. Fechei os olhos e pedi “Dai-me autoconhecimento”. Acredito ter sido um pedido muito profundo para uma primeira vez, contudo eu só iria descobrir isso algumas horas mais tarde.

O gosto da bebida era forte, no entanto não achei ruim como a maioria das pessoas costuma descrever. Depois que bebi me dirigi para o meu lugar na ala das mulheres jovens, na terceira fileira, penúltima cadeira. Começou a cantoria e segui acompanhando com o hinário da menina que estava sentada ao meu lado. Começou com o hino de abertura, um toque como de sino, um defumador, tudo acompanhado de muita música. Era lindo ver e ouvir todas aquelas pessoas cantando os hinos e eu cantava alegremente encantada com tudo aquilo. As letras dos hinos falavam sobre o Mestre Irineu, sobre a Rainha da Floresta, sobre santos, sobre miração, etc.

Nessa primeira parte, uma das iniciantes estava do lado de fora passando mal e outra chorando muito. Até aquele momento eu ainda não havia sentido nenhuma alteração, estava apenas muito feliz. Acredito que ficamos cantando por cerca de uma hora até que chegou o momento do intervalo para tomar mais Daime. Entrei na fila e tomei mais uma vez o chá insistindo em meu pedido.

Voltei para o meu lugar, uma mulher me entregou um caderno de hinário e segui cantando alegremente. Essa segunda dose do chá poucas mulheres tomaram. Todas as outras meninas saíram da igreja, vomitaram muito e tiveram diarreia. Segundo os daimistas, essa ocorrência é para que haja uma purificação do organismo, mas durante todo o trabalho eu não passei por isso.

Eu me sentia muito bem e a minha felicidade aumentava a cada instante. Encantava-me o beija-flor pendurado, a Nossa Senhora desenhada no caderno, os hinos... Decidi, então, fechar os olhos para ver se eu sentia algo diferente. Quando os fechei vi diversas figuras geométricas vermelhas passando pela minha mente, abri os olhos e continuei cantando. Na segunda vez que fechei os olhos vi flores amarelas e roxas, de diversos tipos, era lindo. Comecei a sentir um formigamento nos braços, sentia cada célula do meu corpo e sabia que minha alma queria deixá-lo. A sensação era muito boa, eu queria muito mirar, entretanto isto me assustava.

De repente, a alegria que me invadia começou a lutar contra um medo que ia surgindo. Um homem virava os olhos e tremia muito numa cadeira do outro lado da igreja, uma mulher arregalava os olhos como se estivesse sendo perseguida, e um homem saiu da igreja e começou a se debater como se estivesse tendo uma convulsão. Eu tentava me manter fixada em minha felicidade, na cantoria, nas pessoas que inspiravam amor, nas pessoas que sorriam. Tarde demais. O medo venceu essa disputa e comecei a passar mal, senti como se minha pressão tivesse caído, estava tonta e muito assustada. Resolvi levantar e pedir ajuda para uma menina fardada que estava encostada na parede. Ela me levou até o lado de fora da igreja e pediu que a fiscal me ajudasse.

Aquela fiscal era uma mulher gorda, de olhos e cabelos claros, sem dúvida uma figura que eu jamais conseguirei apagar da minha mente. Ela recomendou que eu passasse água no rosto e no pulso. Perguntei se era possível deitar e ela disse que não, então sentei num tronco de árvore junto com outra novata que vomitava. Encostei à parede e quando fechava os olhos aparecia uma imagem de uma negra me convidando para entrar naquele outro mundo e um pano de fundo vermelho e amarelo. A fiscal me pediu que voltasse para dentro da igreja e seguisse cantando, mas eu disse que não estava bem e que gostaria de ficar ali um pouco. Ela insistia que lá fora era pior.

A Ana, então, apareceu me perguntando se eu estava bem e respondi que não, ela perguntou se eu gostaria de deitar dentro da igreja e eu aceitei. A fiscal passou com um colchão. Novamente surge aquele fundo amarelo e vermelho, a negra com mais alguém me convida para

entrar. Eu digo que não quero entrar, peço para me deixarem ir embora, mas de nada adianta. Vou passando correndo pelas coisas que eles me apresentam. Há muitas pessoas, animais, objetos. Tudo é muito colorido. Eu tento fugir daquele lugar, porque mesmo sendo bonito me assusta.

Vejo-me dentro da igreja, mas ela está maior e muito cheia de gente. É noite. Abro os olhos e vejo minha mão sobre o colchão amarelo. Estou deitada dentro da igreja, de fato, não me lembro de ter chegado ali. É de tarde. Percebo que estava mirando e sinto meu corpo mole, na realidade mal posso senti-lo, pois não me encontro mais dentro dele.

A Ana agacha-se na minha frente e diz “Pode ficar tranqüila, você está aqui no Daime”. Dou um sorriso. Estou cansada. Fecho os olhos e volto para o plano espiritual. Vejo muitos animais rastejantes, principalmente larvas marrons parecidas com minhocas. Um tigre para na minha frente, mas não tenho medo dele. Estou deitada e muitas larvas passam pelo meu corpo enquanto olho para o tigre. A sensação das larvas sobre mim desespera-me, mas quando olho para cima vejo várias mulheres em volta como se estivessem me benzendo, e sei que as larvas não são reais.

Ouçõ o toque do sino, abro os olhos e sento rapidamente. É mais um intervalo e as pessoas se organizam para tomar mais chá. Olho para o final do meu colchão e vejo outro colchão, nele está a novata que passava mal lá fora no tronco de árvore comigo, não sei ao certo desde quando ela está deitada lá. Estou muito cansada e deito novamente, a sensação de encostar o pé da parede me dá prazer e “durmo” mais uma vez. Agora eu sei a nítida diferença entre estar no mundo real e estar no outro plano, fico lutando para voltar para a minha vida. Fico correndo e fazendo o possível para sair e não consigo, mas quando eu tenho mais medo sinto o Rafael – o meu namorado durante aquela época - me abraçando.

Abro os olhos e as pessoas estão cantando e bailando. Olho para a porta e vejo que ainda é dia, mas tenho a impressão que já faz um ano que estou ali e sinto muita saudade do Rafael. Quero voltar para Campinas. Fecho os olhos e sei que preciso sair daquele plano. “Estou quase conseguindo voltar... Vamos tentar mais uma vez... Estou quase conseguindo...” – fico pensando. E mergulho naquele outro universo, o medo cresce cada vez mais. Uma moça no plano real recomenda que eu preste atenção aos hinos. Tento me segurar a isso, mas é quase impossível me concentrar. Continuo presa à igreja do plano espiritual e luto para sair, agora passo por várias provas para tentar conseguir. Em vão.

Horas passam enquanto me divido entre acordar e percorrer o caminho astral. As provas pelas quais tenho que passar são muito difíceis. Vejo simbolicamente tudo o que tenho medo, tudo o que não gosto, tudo o que me assusta. Sinto-me cada vez mais fraca e velha. A noção de tempo é muito diferente, a minha razão insistia em lembrar-me que aquela viagem duraria apenas aquela tarde, porém a sensação que me invadia era a de que havia passado meses. Sentia muita saudade de todos.

Despertei novamente. A saudade que eu sentia era insuportável e mais uma vez sentia o Rafael comigo e sabia que eu não podia desistir. Volto para o plano astral e dessa vez o percurso é ainda pior. Além de enfrentar os meus medos mais obscuros tive que ver as situações e as pessoas que mais me machucaram durante esses vinte e um anos. Era sufocante. A voz que me guiava dizia que para sair daquele universo eu teria que ir perdendo cada uma dessas coisas.

Acredito ter sido a parte mais difícil de todo o trabalho. Era uma confusão entre medo, desespero, mágoa, fraqueza, dor, decepção. Tudo era intenso. O processo foi torturante e fiquei travada em uma pessoa que foi muito ruim para mim, pior do que qualquer outra. Lembrava-me de tudo que havia acontecido e não sabia o que era mais insuportável, se ficar encarando aquela pessoa ou se ficar presa naquele lugar. E se fosse preciso perdoá-la para sair do plano espiritual, pois eu perdoava, então.

Nesse momento, no mundo real, a Ana se abaixou na minha frente e afirmava que não era minha culpa eu não conseguir sair de lá, que tinha algo que não me deixava sair, mas que eu era capaz. Ela seguia dizendo tudo o que eu havia pensado nos últimos meses, dizendo que eu não precisava aceitar certas coisas na vida, que eram as outras pessoas que impunham aquelas condições, que não eram de fato necessárias. A Ana me apoiava e tentava fazer com que eu encontrasse alguma força dentro de mim. Eu me concentrava na voz dela, mas acreditava ser incapaz me mover.

Eu estava encharcada de suor, desidratada, o calor era muito forte e minha pressão estava muito baixa. Tive certeza que era impossível conseguir ficar em pé, definitivamente eu não tinha forças. Mais uma vez a Ana insiste que eu sou capaz e que é outra coisa que não me deixa sair, mas que eu sou mais forte. Seguro a mão dela e levanto. Não sei como consigo caminhar, mas estou de pé e me sinto melhor. Caminho até o lado de fora da igreja com a Ana, que diz que será bom para mim que eu coloque os pés no chão. Não sei se ela estava falando no sentido figurado ou literal.

De fato, pisar na terra era uma emoção muito grande. Permaneci de mãos dadas com a Ana e ela me lembrava que o mundo era lindo, mostrava as montanhas, o verde, o céu... Ela dizia que eu não precisava me prender às coisas ruins, que ainda tinha muita coisa para eu ver e viver lá fora, que o mundo era repleto de beleza. Escutava tudo aquilo enquanto lágrimas escorriam pelo meu rosto.

Sentia-me bem e cheia de esperanças. Infelizmente, nessa hora, o homem que no começo do trabalho parecia ter uma convulsão estava mal novamente e veio em nossa direção pedir ajuda. Voltei a sentir medo e fui andando em direção a um tanque de roupa. Molhei o rosto. Foi o momento mais lindo da minha experiência, pois ao molhar o rosto uma gota de água encostou a minha língua. É impossível colocar em palavras o que senti, era como se durante a minha vida tudo o que eu já fiz fosse só para conseguir aquela gota.

Permaneci bebendo aquela água e sentindo todo o prazer do mundo naquilo. Molhava o rosto tentando enxergar o mundo. A Ana aconselhou a jogar água nos pés, foi muito bom. Fui ao banheiro e depois fiquei me olhando no espelho. O meu reflexo estava cansado, mas me fazia sentir completa. Foi a primeira vez nos últimos anos que consegui me olhar no espelho e ver quem realmente estava ali naquele reflexo sem precisar me esconder.

Quando saí do banheiro a Ana me disse “Não adianta mais... A Marília que chegou aqui não existe mais. Agora você é outra.”. Lágrimas escorriam pelo meu rosto, os sentimentos eram todos muito intensos. Voltei para a igreja e fui acompanhar as outras meninas no bailado. Era engraçado, em certos momentos eu não conseguia me concentrar na dança e perdia os passos, já em outros momentos eu seguia bailando automaticamente.

As letras dos hinos pareciam terem sido escritas por mim, pois descrevia o medo que eu sentia, o cheiro de rosas, as imagens durante a miração, a punição, a busca de Juramidam por disciplina. Eu fechava os olhos e sentia saudade da antiga Marília, lembrava de quando cheguei ali no Daime e percebi que não conseguia mais sentir nada do que eu sentia antes. Sentia o Rafael segurando a minha mão enquanto eu bailava. Eu sabia que ele não estava ali, mas podia sentir a sua presença mesmo assim. Eu não queria deixar a antiga Marília ir embora, sabia que ela já não existia e mesmo assim não queria deixá-la para trás. O desapego sempre foi algo difícil para mim e sempre sofri muito durante processos de mudanças.

Senti-me mal e fui deitar novamente. Durante todo o resto do trabalho passei ali deitada, fraca e sem conseguir me levantar. O plano astral ocupou praticamente toda a minha mente e eu

quase não acordava mais, e já não tinha mais força para tentar sair de lá. Desisti. Fiquei apenas esperando o dia passar, porque sabia que tudo aquilo teria fim uma hora ou outra.

Uma das vezes em que abri os olhos vi a moça da chegada carregando no colo uma criança desmaiada. Outra vez apenas escutava a Tarumin chorando desesperadamente, creio que ela passou muito tempo chorando. A fiscal veio várias vezes me pedir pra esticar as pernas, pra tentar levantar, pra me recuperar antes do trabalho terminar. Era muito difícil suportar a pressão dela e eu não conseguia corresponder, estava cansada demais.

Havia uma senhora bem mais velha sentada em uma cadeira, todos beijavam sua mão, falavam coisas boas e agradeciam o aprendizado. Eu acreditava que me sentiria melhor se conseguisse ir até ela, mas não podia me mexer. Infelizmente eu só conseguia me concentrar nas diversas vozes falando ao mesmo tempo milhares de coisas ruins sobre a vida cotidiana atual. As falas influenciavam as imagens na minha cabeça.

Quando os daimistas cantaram a última música do trabalho, a fiscal me fez levantar e sentar numa cadeira para que o trabalho fosse fechado positivamente, com uma energia boa. Era uma tortura escutar a voz daquela fiscal me chamando tantas vezes, porém quando ela me estendeu a mão segurei e fui sentar na cadeira. O ritual daquele dia estava encerrado, mas eu não havia conseguido voltar ao estado convencional. Retornei para o colchão.

Fiquei ali no chão com esperança de conseguir voltar para a casa da minha mãe, ao menos lá eu teria certeza que por mais que eu não conseguisse sair do plano astral, ela cuidaria de mim. A fiscal veio perguntar onde eu morava e se comprometeu a encontrar uma carona. A Ana veio se despedir, pois levaria a Tarumin para casa. Eu imaginava voltar para a casa da minha mãe, queria isso mais do que tudo, mas não acreditava ser realmente possível.

Novamente a fiscal pediu que eu levantasse, falava que eu nem estava me esforçando para conseguir. Eu só repetia que estava cansada, e ela me dizia que logo eu descansaria na casa da minha mãe. A fiscal esticou a mão, segurei e ela me acompanhou até a saída da igreja. Encontrei o Walter que perguntou como tinha sido minha experiência, se eu tinha aprendido com o que passei, foi muito atencioso comigo.

Fui até o quartinho do lado de fora, peguei minhas coisas, mal podia acreditar que aquilo estava acabando, que eu estaria em breve de volta para minha vida lá fora. Fui devolver para o Walter o livro que eu havia pegado emprestado com o filho dele e ele me acompanhou até a

cantina, que ficava do lado de fora do cercado da igreja. Ele me aconselhou a comer alguma coisa, disse que não era bom ficar de estomago vazio e por isso eu estava fraca.

Tomei meio copo de coca-cola e dei três mordidas em uma mini-pizza. Foi tudo que consegui ingerir. Fiquei sentada na cantina durante um tempo. Algumas pessoas vieram falar comigo, alguns iniciantes, outros mais antigos. Um deles disse que no Santo Daime paga-se para entrar e reza-se para sair. Eu fiquei algum tempo esperando uma carona para ir embora, conversei com algumas pessoas, mas ainda tinha dificuldade, ainda estava muito fraca.

Com a ajuda de muitas pessoas consegui uma carona e voltei para a casa da minha mãe. O caminho até lá também foi muito difícil, eu pensava coisas assustadoras, não conseguia me mexer e sentia muito frio. O Rafael me ligava sem parar, eu consegui pegar o celular, mas não tinha forças para abri-lo, foi desesperador. Depois de todas as dificuldades consegui explicar o caminho para o motorista e cheguei à casa da minha mãe. Enfim estava lá.

Mal podia acreditar que eu havia mesmo conseguido voltar. Olhava tudo com muito amor e alegria. Cada lugar, cada pessoa, tudo parecia novo para mim e ao mesmo tempo familiar. Com o apoio da minha família fui me recuperando. Quando fechava os olhos me sentia na igreja do Santo Daime de novo e podia até ouvir as mulheres cantando. E finalmente, às três horas da madrugada consegui dormir.

Reflexões pessoais e antropológicas

O presente trabalho foi meu primeiro contato real com a antropologia na prática, tanto quanto ao caráter de pesquisa bibliográfica quanto ao trabalho de campo. Já havia realizado outros trabalhos antropológicos na universidade, mas nenhum com tamanha dimensão e pesquisa. Sem dúvida, posso dizer agora que tenho certeza que quero mesmo estudar Antropologia e acredito que observo o mundo com olhar de antropóloga.

A pesquisa bibliográfica foi muito válida, pois me colocou em contato com vários autores consagrados e com alguns relativamente desconhecidos. A possibilidade de colocá-los em debate sobre um mesmo tema me encantou, apesar da dificuldade. Li vários livros, sites, teses, artigos. Percebi que o antropológico está em todo o canto e as fontes são as mais diversas possíveis.

A possibilidade de realizar o trabalho de campo, de conhecer de perto o Santo Daime, seu ritual e os participantes, foi realmente um presente para mim. Eu fui batizada no Cristianismo, mas nunca fui praticante. A partir da adolescência tive um contato com o Espiritismo Kardecista, mas também sem me envolver a fundo. O Santo Daime era uma doutrina que conhecia apenas por nome, devido ao tão falado chá, mas desconhecia totalmente sua visão de mundo.

Pessoalmente, me envolvi muito com o trabalho acadêmico e espiritual. Aprendi durante o ritual daimista muito sobre mim mesma. Todo o processo foi muito intenso, visto que não tive a chamada “peia”³ e cheguei a conclusão que a escuridão que tenho dentro de mim não está no meu corpo ou no meu espírito, mas na minha mente. Encarei muitos medos, entrei em contato com o que mais me assusta. Foi tudo muito simbólico, porém consegui compreender o significado de cada imagem.

A tentativa de fuga, o perdão, o inconsciente, tudo me sensibilizou muito. O fato de eu sentir que a fiscal me torturava, mas ao mesmo tempo ser justamente ela quem estendia a mão e me ajudava. Perder o controle sobre mim mesma e sobre o estado natural da minha consciência foi algo novo e revelador para mim. Estar completamente à mercê de desconhecidos e depender da ajuda deles para tudo, ter que confiar plenamente, foi tudo muito difícil. Lidar com a incerteza, com o processo, com a ansiedade. Sempre fui uma pessoa impaciente e tive que me acalmar e esperar que aquela experiência acabasse. Seguir pensando que nada era eterno, que hora ou outra aquilo teria fim. O sofrimento, a angústia, o sentimento de perda. Como o Walter mesmo me disse ao final do trabalho, eu cheguei tranqüila e deixei o medo me vencer. Pela primeira vez na vida não foi ruim ouvir isso, pois como ele disse, eu também tenho fraquezas como qualquer outra pessoa.

Foi muito reconfortante me aceitar enquanto ser humano que erra e que teme. A sensação de renascimento. Olhar para tudo de uma maneira diferente depois dessa experiência, perceber que algumas coisas não são tão importantes quanto eu acreditava ser e que outras são muito mais valiosas do que eu jamais poderia supor. Enxergar a mim mesma, aos outros e ao mundo como se fosse a primeira vez que eu estivesse olhando.

³ Peia: “expressão utilizada para designar certa sensação de mal-estar provocado pela ingestão da bebida durante os rituais. É uma reação orgânica que ocorre, eventualmente com alguns participantes, sendo considerada pelos daimistas como um fato normal, geralmente atribuído ao despreparo da pessoa ou ao não cumprimento das regras necessárias à participação nos rituais. Esse mal-estar pode ser acompanhado por vômitos e/ou diarreias que são entendidos como uma forma de purificação e limpeza do corpo. Essa experiência também é considerada por eles como parte integrante do processo de aprendizagem e de desenvolvimento espiritual de cada um.” (DIAS, 1992, p.97)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIAS, Walter. 1992. “O Império de Juramidam nas batalhas do astral”: uma cartografia do imaginário no culto ao Santo Daime. Tese de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica São Paulo.

ELIADE, Mircea. 1986. Mito e Realidade. 2. Ed. São Paulo: Perspectiva.

FROES, Vera. 1986. Santo Daime: cultura amazônica – história do povo Juramidam. 2.Ed. São Paulo: Jornes.

GOULART, Sandra Lucia. 1996. “As raízes culturais do Santo Daime”. Tese de Mestrado, Universidade de São Paulo.

GROISMAN, Alberto. 1991. “Eu venho da floresta”, um estudo sobre o contexto simbólico do uso do Santo Daime. Tese de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina.

HARNER, Michael. 1995. O Caminho do Xamã. São Paulo: Cultrix.

LABATE, Beatriz Cauiby e GOULART, Sandra Lucia (org.). 2005. O uso ritual das plantas de poder. São Paulo: Mercado de Letras.

SANGIRARDI, Junior. 1989. O índio e as plantas alucinógenas. Rio de Janeiro: Ediouro.